

# O léxico culturalmente marcado em análise na revista *Veja*: a esfera midiática como meio de acesso à carga cultural partilhada

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3348>

**Drielle Caroline Izaias Juvino Souza<sup>1</sup>**  
**Maria Cristina Parreira da Silva<sup>2</sup>**

## Resumo

O conjunto de unidades lexicais (BIDERMAN, 1984) de uma língua comporta as vivências, tradições, crenças e costumes que determinada comunidade foi acumulando por gerações. Entretanto, algumas unidades são mais impregnadas de referências culturais do que outras, tornando-se mais opacas e de difícil entendimento para quem não faz parte daquele grupo social (GALISSON, 1988). Revistas semanais de assuntos gerais e atualidades podem constituir um meio de acesso à cultura popular por tratarem de assuntos correntes da sociedade. O presente trabalho expõe o levantamento e a análise de unidades lexicais culturalmente marcadas (GALISSON, 1987, 1988), a partir de textos da esfera midiática extraídos do acervo da revista *Veja*, evidenciando sua pertinência para a constituição de *corpora* para análise linguística e confecção de materiais didáticos para aprendizes do português do Brasil.

**Palavras-chave:** léxico; carga cultural partilhada; lexicultura.

---

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (IFSP), Registro, São Paulo, Brasil; [drielle.juvino@ifsp.edu.br](mailto:drielle.juvino@ifsp.edu.br); <https://orcid.org/0000-0001-6729-155X>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [cristina.parreira@unesp.br](mailto:cristina.parreira@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-8053-5413>

# The culturally marked lexicon under analysis in *Veja* magazine: the media sphere as a means of accessing the shared cultural load

## Abstract

The set of lexical units (BIDERMAN, 1984) of a language comprises the experiences, traditions, beliefs, and customs that the community has been accumulating for generations. However, some units are more impregnated with cultural references than others, making them opaquer and more difficult to understand for those who are not part of that social group (GALISSION, 1988). Weekly magazines on general issues and current affairs can be a means of accessing popular culture as they deal with current issues in society. The present work presents the survey and analysis of culturally marked lexical units (GALISSION, 1987; 1988) from texts from the media sphere extracted from the *Veja* magazine collection, showing its relevance for the constitution of corpora for linguistic analysis and the production of teaching materials for Brazilian Portuguese learners.

**Keywords:** lexicon; shared cultural load; lexiculture.

## Introdução

A vida em comunidade reclama recursos comunicativos, ou seja, o uso de uma língua para desempenhar relações sociais e atividades comuns. As pessoas não se tornam falantes de determinada língua por terem nascido e crescido no país onde essa língua é oficial, mas porque esses foram os dados linguísticos a que foram expostas, enquanto membros de uma dada comunidade, nos seus primeiros anos de vida (VILLALVA; SILVESTRE, 2014).

As unidades lexicais (doravante UL) são bastante reveladoras da nossa visão de mundo, pois é por meio delas que expressamos ideias e sentimentos, nos comunicamos, cristalizamos conceitos e categorizamos a nossa realidade. Perpetuado por gerações, o léxico é transmissor de histórias, tradições, crenças e costumes, atuando na construção de uma memória coletiva. Trata-se, portanto, de um “patrimônio cultural” em que são armazenadas as aquisições culturais representativas de determinado grupo social (SEABRA, 2015).

Embora o aspecto cultural esteja presente em todas as UL que compõem o léxico, algumas são portadoras de mais referências culturais do que outras. Galisson (1987) denomina essas referências culturais do léxico como carga cultural partilhada (CCP)<sup>3</sup>. São os implícitos culturais subjacentes ao léxico, de reconhecimento mútuo e compartilhado por uma comunidade linguística.

---

3 Alguns autores traduzem como “carga cultural compartilhada”, porém optamos por “carga cultural partilhada” a fim de manter a mesma sigla usada em francês – CCP.

As UL vão adquirindo esses valores culturais por meio das relações sociais e das experiências de vida dos usuários da língua; por isso, são mais observáveis no léxico do cotidiano. Oriundas da trivialidade, as unidades lexicais culturalmente marcadas (ULCM) são notadas especialmente nos gêneros da oralidade e nos gêneros da escrita menos formais. Para Galisson (1988), a lexicultura se constitui como um meio eficaz de acessar a cultura de um povo por meio da língua.

Revistas semanais de assuntos gerais e atualidades, como a *Veja*, podem constituir um meio de acesso à lexicultura por tratarem de assuntos correntes da sociedade e comportarem uma linguagem acessível. Isso porque, além de informar, visam atingir o maior número possível de leitores/consumidores, de modo a fazer parte do cotidiano deles. Além disso, podem ser materiais didáticos autênticos<sup>4</sup> para o ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE).

Nas últimas décadas, o Brasil tem recebido muitos estrangeiros por diversos motivos, principalmente em busca de formação acadêmica, de oportunidade de trabalho ou de refúgio. Com isso, há aumento da demanda por materiais didáticos para esse público, principalmente os que corroborem para que sejam acolhidos ou integrados à comunidade e à aprendizagem da língua portuguesa, pois esse é um aspecto que promove mais rapidamente essa integração.

O presente trabalho expõe o levantamento e a análise de ULCM, segundo a concepção de Galisson (1988), a partir de textos da esfera midiática extraídos do acervo da revista *Veja*. A primeira seção abarcará a noção de léxico, seguida das conceituações de lexicultura e CCP. Os exemplos serão expostos e debatidos no terceiro segmento, em consonância com as discussões teóricas. O intento é evidenciar a relevância desses gêneros como meio de acesso à CCP, sendo pertinentes para a constituição de *corpus* para análise linguística e confecção de materiais didáticos para o ensino-aprendizagem do português do Brasil.

## **Léxico: aspectos teóricos**

O léxico é o conjunto de lexias de uma língua, “dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões” (HENRIQUES, 2018, p. 13). Como conjunto infinito e em constante mutação, o léxico é complexo e dinâmico, não sendo possível descrevê-lo ou estudá-lo integralmente. Segundo Biderman (1996, p. 35), “[...] nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo”, sendo sempre uma “obra incompleta, inacabada, dada a natureza *in fieri* do léxico”.

---

4 Que não foram originalmente elaborados para fins didáticos.

São os falantes da língua que alteram e ampliam o léxico por meio das práticas sociais. Ao mesmo tempo que determinadas lexias entram em desuso, outras surgem por meio de neologismo, empréstimo linguístico ou gírias, dependendo das necessidades comunicativas dos locutores.

Os falantes também não são capazes de dominar o léxico em sua totalidade. Seu conhecimento lexical corresponde a uma fração do léxico, considerando suas experiências de vida e os dados linguísticos aos quais foram expostos. Villalva e Silvestre (2014) denominam léxico mental o conjunto de UL que cada falante conhece, que varia conforme sua experiência linguística individual, englobando o léxico passivo (usado no reconhecimento de enunciados linguísticos) e o léxico ativo (usado para a produção de dados linguísticos). Lara (2015), por outro lado, designa o subconjunto do léxico que o falante domina como “vocabulário”, distinguindo três tipos: i) o vocabulário fundamental – aquele que promove condições mínimas de comunicação; ii) o vocabulário ativo – aquele que o falante conhece e utiliza em seu cotidiano e iii) o vocabulário passivo – aquele que é aprendido por meio de leituras e experiências, mas não é utilizado.

Nota-se, portanto, que o conhecimento lexical não é cristalizado, mas passível de mutações, ao passo que é um conhecimento cumulativo e degradável (VILLALVA; SILVESTRE, 2014). O indivíduo aprende novas lexias a todo momento, mas também está sujeito a esquecê-las caso não as utilize.

Para Villalva e Silvestre (2014), o léxico é mais do que um repositório de UL, mas um “entreposto de bens essenciais” a outras partes da gramática, como morfologia, sintaxe, semântica e fonologia, se configurando como “uma espécie de cérebro no corpo das línguas que concentra e armazena a informação que os restantes sistemas, solidariamente, transformam em vida.” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 28).

Borba (2006, p. 82) também observa a relação entre léxico e sintaxe, considerando o léxico como um “conjunto de representações da realidade” e a sintaxe “um conjunto abstrato de relações”. Desse modo, o léxico é substância da língua, enquanto a sintaxe é a forma, já que “padroniza as relações internas” no sistema linguístico. O autor subdivide o léxico em duas categorias: 1) palavras gramaticais (um número limitado de UL que funcionam internamente, dentro do sistema linguístico, no âmbito da sintaxe) e 2) palavras lexicais (UL que traduzem ou representam as coisas do mundo, fazendo a conexão com o sistema linguístico). Assim, a sintaxe, por meio das palavras gramaticais, “dá uma fisionomia particular à língua”, enquanto as palavras lexicais são responsáveis por representar, fixar e transmitir a cultura (BORBA, 2006, p. 82).

Dessa forma, entende-se que o léxico não é estático, resumido a uma mera lista de lexias, pois na língua, enquanto sistema, um signo linguístico se define com relação aos demais signos do conjunto, segundo Saussure. Biderman (1998, p. 111), por sua vez,

complementa que “o valor de um signo resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do sistema e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica”.

As UL relacionam-se por similaridade, oposição, compatibilidade ou incompatibilidade e vão adquirindo valor (semântico ou sintático) na língua (POLGUÈRE, 2018). Os dois principais tipos de relações citados por Polguère (2018) são as paradigmáticas, ou seja, as relações semânticas e morfológicas no interior do léxico e as sintagmáticas, que ocorrem no interior da frase, no âmbito da sintaxe.

A semântica, segundo Henriques (2018, p. 44), investiga as lexias e locuções empregadas em enunciados “para tratar das significações contidas nelas ou a partir delas”. Nessa perspectiva, o léxico está exposto a diversas operações semânticas, levando em conta os enunciados nos quais as lexias estão inseridas. Fora dos enunciados, as UL estão isoladas, em “estado de dicionário”; é a partir das relações e combinações que ocorrem no uso da língua que elas adquirem valor e significados.

## **O conceito de lexicultura e as dimensões social e linguística**

A língua está inserida na cultura, sendo também espelho dos dados culturais, entendidos por Borba (2006) como o conjunto das criações humanas de natureza material (objetos, lendas) ou imaterial (hábitos, ideias, ideologias). É por meio do léxico de uma língua que os falantes se expressam e se comunicam, fazendo reverberar suas crenças, valores, costumes e tradições.

Galisson (1987) distingue duas categorias de cultura: aquela proveniente da erudição, que pode ser ensinada, e a cultura comportamental, oriunda das experiências de vida, do cotidiano. É possível afirmar que o léxico que “fisionomiza” a cultura, segundo as concepções de Borba (2006), está intimamente relacionado com a cultura comportamental referida por Galisson (1987).

Assim, considerando que cada comunidade tem a sua cultura e sua forma peculiar de representar e compreender o mundo, é natural que “[...] uma mesma realidade” possa “receber nomes diferentes, conforme o ponto de vista priorizado na representação” (BORBA, 2006, p. 83). O ato de nomear a que se refere Borba (2006) corresponde à “utilização de palavras para designar referentes extralinguísticos” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Essa nomeação é resultante do complexo processo de categorização, que é específico de cada língua:

O processo de cognição e de apropriação do conhecimento assumiu formas distintas conforme as culturas, ou seja, os sistemas lexicais das numerosíssimas línguas naturais (vivas ou mortas). Visto como as palavras etiquetam modos de cognição seria de esperar

que todos os sistemas semânticos das línguas naturais tivessem certos aspectos formais em comum. Entretanto, as línguas constituem sistemas semânticos muito distintos e variados. A conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não coincidentes (BIDERMAN, 1998).

O entendimento da nomeação e categorização léxica dos autores fazem contraponto à ideia de arbitrariedade do signo linguístico proposta por Saussure, em que o significante não tem nenhuma relação orgânica com a realidade. Biderman (1998, p. 109) entende que ao falar sobre arbitrariedade, Saussure se referia ao ato de nomeação, em que “o nomeador poderia atribuir qualquer nome (significante) a qualquer objeto da realidade” e não que os significados não teriam relação com a realidade extralinguística.

É nesse sentido que se destaca o conceito de CCP de Galisson (1987), em que a cultura comportamental é compartilhada pelos membros de uma mesma comunidade, agregando à UL uma carga cultural de reconhecimento automático entre eles. Trata-se de um “[...] valor acrescentado ao sentido referencial da palavra, que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo” (BARBOSA, 2009, p. 34).

Essa carga cultural surge das relações sociais e situações comunicativas do cotidiano, sendo um valor somado, subjacente ao léxico, podendo ser de difícil apreensão aos que não pertencem àquela comunidade linguística. É por isso que ela se apresenta “como um modo de adentrar à cultura do outro a fim de entender e fazer-se entender para além das aparências: no nível dos implícitos culturais de que a língua é portadora” (BARBOSA, 2009, p. 34).

O que diferencia a CCP da conotação é sua natureza coletiva. A conotação pode ser entendida como um sentido informacional associado a determinada lexia que, contrariamente ao seu sentido, não é necessariamente expresso quando essa lexia é utilizada (POLGUÈRE, 2018). Esse sentido informacional pode ser fruto da criatividade dos falantes de forma individual e subjetiva ou proveniente da coletividade, com uma interface cultural, social e histórica. A CCP, no entanto, só existe na coletividade, nos dados culturais compartilhados e é por isso que Galisson (1988), procurando a descrição de um denominador cultural comum dos indivíduos de um mesmo grupo social, sentiu a necessidade de construir esse novo conceito instrumental.

O signo linguístico, segundo a concepção de Saussure, é composto de um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Para Henriques (2018, p. 9), “o significante é o dado concreto do signo, a sua realidade material, tanto do ponto de vista sonoro quanto gráfico. Já o significado é o dado imaterial ou conceitual, algo que remete a uma representação mental provocada pelo signo”.

O significado se revela um domínio semântico ao passo que é produto da relação entre o signo e a realidade extralinguística, enquanto a CCP se constitui como um domínio da pragmática e da antropologia cultural porque é o resultado da relação do signo com os seus usuários (GALISSON, 1988). Segundo Galisson (1988), ela procede da subjetividade dos locutores coletivos que interpretam a realidade extralinguística de acordo com as suas necessidades e visão de mundo. Para fins de elucidação, o autor apresenta um quadro comparativo:

**Quadro 1.** Comparação entre significado e CCP

	Cronologia		Domínio	
	Anterior (conteúdo principal)	Posterior (conteúdo secundário)	Semântica	Pragmática
<b>Características de elaboração</b>			Apagamento dos locutores coletivos por meio da descrição objetiva da realidade extralinguística	Envolvimento dos locutores coletivos por meio de interpretação subjetiva da realidade extralinguística
<b>Significado</b>	x		x	
<b>CCP</b>		x		x

**Fonte:** Galisson (1988, p. 340), traduzido e adaptado pelas autoras

A título de exemplificação do que é proposto por Galisson (1988), evidenciamos a UL leão no excerto da revista *Veja*:

**Figura 1.** Exemplo UL leão



**Fonte:** Revista *Veja*, edição 1882 (2004, p. 117)



A acepção de leão, facilmente localizada nos dicionários, designa mamífero carnívoro da família dos felídeos. No Brasil, contudo, a lexia acabou recebendo um valor adicional, resultante de uma campanha publicitária veiculada em 1979 pelo Programa Imposto de Renda (PIR) do exercício de 1980 com o intuito de passar informações básicas ao contribuinte. Embora nesse período a identificação do leão tivesse relação com a fiscalização, paulatinamente o símbolo do leão foi se solidificando no imaginário do brasileiro, sendo automaticamente relacionado à cobrança do imposto de renda. Trata-se de um valor secundário, que surge da utilização do signo, somado ao significante e coexistente com o significado.

O conjunto das ULCM, portadoras de CCP, é denominado lexicultura, termo cunhado por Robert Galisson no final da década de 1980. Fazendo a junção entre léxico e cultura, coadunam-se as dimensões social e linguística das UL.

Trabalhos contemporâneos, como o do antropólogo Stephen Chrisomalis (2021), caracterizam a lexicultura como um “espaço interdisciplinar” que utiliza conceitos da sociolinguística e da linguística antropológica para estudar a “cultura das palavras”.

No âmbito da lexicultura, é possível afirmar que as ULCM são polissêmicas, opacas e impregnadas de referências culturais, representando, segundo Galisson (1988), a cultura onipresente na vida dos nativos que não costuma ser descrita e, por isso, não é ensinada, dificultando que os aprendentes da língua-alvo consigam dominá-la.

## **A presença das ULCM nos gêneros midiáticos: o caso da revista *Veja***

Além de tratar de assuntos atuais da sociedade, as revistas semanais apresentam uma variedade de gêneros que visam atrair o público leitor. Os gêneros do discurso, como fenômenos históricos, estão relacionados à vida cultural e social, contribuindo para a ordenação e estabilização das atividades comunicativas do cotidiano (MARCUSCHI, 2003). Nesse contexto, as ULCM constituem elementos de aproximação com esse público. No entanto, a falta do conhecimento da CCP, naturalmente compartilhada pelos falantes nativos, pode tornar essas UL opacas aos estrangeiros, atuando como um potencial fator de exclusão.

Por outro lado, a mídia pode ser utilizada como transmissora de insumo cultural, pois facilita o contato do estrangeiro com a cultura-alvo, diminuindo o estranhamento e agilizando a aprendizagem (FLORES PEDROSO, 1999). Galisson (1988, p. 331, tradução nossa<sup>5</sup>) assevera que “as palavras (com CCP) que magnetizam, focalizam e cristalizam

---

5 No original: “les mots (à C.C.P.) qui aimantent, focalisent, cristallisent une certaine forme de culture, sont réparables et observables, donc inventariables et descriptibles”.



uma certa forma de cultura são identificáveis e observáveis, portanto, inventariáveis e descritíveis”, sendo pertinentes à elaboração de dicionários, principalmente no sentido de tornar a lexicultura acessível aos estrangeiros que desejam aprender determinada língua.

Neste trabalho, propomos o levantamento e a análise de ULCM a partir de textos do gênero midiático na revista *Veja*, principalmente em capas, títulos e subtítulos de artigos, anúncios publicitários e citações em destaque. Realizamos a análise de 274 revistas (definimos o intervalo entre 2004 e 2020), nas quais foram localizadas 214 ULCM, sendo 58% lexias simples – que são unidades grafadas em um único segmento – e 42% lexias complexas – grafadas como uma sequência de unidades que correspondem a apenas um referente no plano da língua (BIDERMAN, 1996), resultando em uma amostra representativa.

Entende-se por ULCM, com base nos estudos de Galisson (1987), todas as UL portadoras de CCP, incluindo:

- nomes provenientes de reações auditivas;
- locuções ou expressões cristalizadas;
- nomes de marcas associadas a produtos;
- termos pejorativos e palavras tabu;
- eufemismos e disfemismos;
- nomes próprios;
- nomes populares da fauna, da flora e de alimentos;
- associação de um lugar a um produto ou vice-versa;
- inanimados culturais;
- palimpsestos verbais;
- festividades, costumes, crenças, superstições e comportamentos evocados pela palavra.

É importante salientar que as categorias supracitadas não são *a priori* ULCM, mas representam em que tipos de lexias a CCP é mais observável dentro do léxico. Nem todos os nomes de alimentos são ULCM, por exemplo, mas em alguns a CCP é mais pronunciada, como ocorre com a UL “chuchu”, que apresenta, inclusive, carga cultural polissêmica.

Na figura 2, um famoso político brasileiro saboreia um picolé de chuchu ao lado de um apresentador de televisão. É observável, na revista, uma recorrente associação do político

ao vegetal. Isso porque, por associação metafórica, a UL pode ser usada para indicar alguém sem graça, insosso e, nesse mesmo sentido, encontramos a expressão “picolé de chuchu”.

Embora Flores Pedroso (1999), baseado em Galisson (1991), afirme que as UL com CCP se limitem a substantivos, adjetivos e verbos, localizamos, na figura 2, a expressão “pra chuchu”, com valor adverbial de intensidade. Essa locução remete à fartura do cultivo do vegetal, estabelecendo uma relação metafórica na construção do sentido.

A UL chuchu apresenta ainda uma terceira via, de natureza afetiva. Derivada do francês “*chouchou*”<sup>6</sup>, é popularmente utilizada para se referir a alguém querido ou amável. No exemplo, o caráter afetuoso é acentuado pelo uso do diminutivo: “vai ser um governo que é um chuchuzinho”.

**Figura 2.** Exemplo UL chuchu



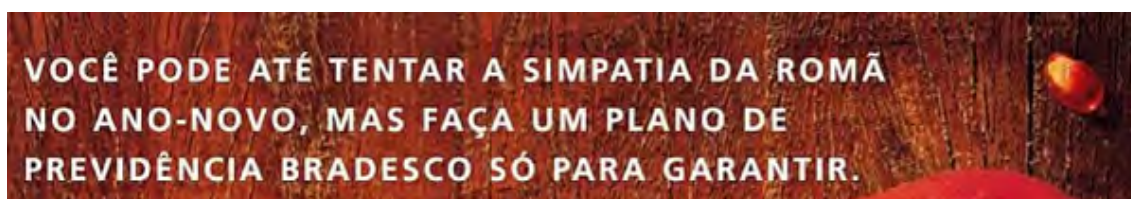
**Fonte:** Revista *Veja*, edição 1946 (2006, p.35)

Por estar intimamente ligada à cultura popular, a CCP pode ser observada em UL que evocam costumes, crenças e superstições. Um exemplo é o termo *simpatia* (figura 3), que remete à crença popular de que determinados ritos na passagem de ano possam atrair boa sorte no ano vindouro. Ela se insere no âmbito da CCP ao passo que evoca conhecimentos e comportamentos que são transmitidos informalmente entre as gerações, sendo de reconhecimento automático entre os falantes nativos do português do Brasil.

---

<sup>6</sup> Queridinho, preferido, favorito.

**Figura 3.** Exemplo UL simpatia



**Fonte:** Revista *Veja*, edição 1882 (2004, p. 33)

Oriunda da linguagem popular, a CCP está presente nas palavras tabu, eufemismos, disfemismos e estereótipos. Muitas vezes empregamos nomes de animais como forma de ofensa ou elogio. Nesses casos, a metáfora é comumente utilizada, por meio da associação a características positivas ou negativas estereotipadas.

A figura 4 exemplifica o uso da UL “perua” para se referir a uma famosa sexóloga e política brasileira. Quanto ao uso informal e pejorativo, o dicionário Houaiss<sup>7</sup> define “perua” como “mulher que se dá ares de elegante, mas que se veste espalhafatosamente”. Sentindo-se insultada pela publicação, a política ofendida processou a editora Abril por danos morais, mas o TJSP entendeu que não houve carga ofensiva suficiente no emprego da expressão para que fosse indenizável, pois se referia ao seu estilo pessoal e elegância ao se vestir.

**Figura 4.** Exemplo UL perua



**Fonte:** Revista *Veja*, edição 1909 (2005, p. 69)

Embora a revista preze pela linguagem formal, essas UL são bastante utilizadas em títulos, subtítulos, publicidades e capas a fim de despertar o interesse do leitor. Ademais, notamos que são mais recorrentes em citações de entrevistas em realce e também na seção “Veja essa”, onde há declarações de personalidades em destaque naquela semana, ou seja, em reproduções do discurso oral.

<sup>7</sup> Dicionário eletrônico Houaiss, versão 3.0.

Segundo Galisson (2000), a CCP também se manifesta em expressões cristalizadas, incluindo os fraseologismos, provérbios e ditados populares, por exemplo. São expressões indecomponíveis, pois o significado integral não corresponde à soma dos significados das UL que as compõem. A capa da figura 5 exemplifica tal fenômeno com a expressão idiomática “pisar no tomate”, que corresponde a falhar ou decepcionar, fazendo um jogo semântico com o fato de que, naquele período, houve alta na inflação, influenciando o encarecimento do tomate. Nesse caso, não é possível identificar o significado por meio do sentido literal dos termos, é preciso mobilizar os saberes da cultura popular compartilhada.

**Figura 5.** Exemplo de expressão cristalizada



**Fonte:** Revista *Veja*, edição 2317 (2013)

Contudo, às vezes, apenas a menção de uma parte do provérbio ou do ditado é suficiente para o resgate dos sentidos veiculados pela expressão, o que Galisson (2000) designa palimpsesto verbal. Palimpsesto consiste em pergaminho ou papiro cujo manuscrito foi raspado para ser substituído por um novo texto. Fazendo uma relação metafórica, no entendimento do autor, os palimpsestos verbais resumem-se ao apagamento parcial de locuções ou expressões cristalizadas para a formação de combinações livres.

Equivale, portanto, à ocorrência de provérbios, ditados populares, *slogans* e versos de músicas de forma maleável, com alteração de elementos ou usando apenas algumas partes da expressão original, o suficiente para que seus sentidos reverberem. Por integrarem o imaginário coletivo, são de reconhecimento automático entre os indivíduos que partilham a mesma cultura popular.

Na figura 6, o texto central da capa da revista nos remete aos versos da cantiga de roda “Ciranda, cirandinha”. Para Galisson (2000), a dimensão cultural permite dizer mais em poucas palavras, colocando em movimento um mecanismo de ecos que funciona como um amplificador semântico-pragmático. Portanto, a menção de parte da cantiga é o suficiente para resgatá-la, permitindo a criação de um jogo de sentidos com o provável intuito de atrair o interesse do leitor.

**Figura 6.** Exemplo palimpsesto



**Fonte:** Revista *Veja*, edição 1923 (2005)

De acordo com Galisson (2000, p. 329, tradução nossa<sup>8</sup>), “[...] a cultura compartilhada não é ensinada e não precisa ser ensinada aos jovens nativos. Dia após dia, isso se torna parte de sua maneira de se comportar, ver e sentir o mundo”. Esse valor agregado, observável nos exemplos, é marca de pertença e identificação cultural.

Abordagens contemporâneas do ensino de línguas estrangeiras têm se preocupado com o componente cultural, reconhecendo as relações intrínsecas entre língua e cultura. Nessa perspectiva, há primazia pela adoção de materiais autênticos, com amostras reais

<sup>8</sup> No original: “[...] la culture partagée n’est pas enseignée et n’a pas à l’être aux jeunes natifs. Elle s’inscrit jour après jour, de gré ou de force, dans leur façon de se comporter, de voir et de sentir le monde”.



da língua em uso. Observando os exemplos, constatamos a presença de elementos da cultura popular evidenciados no léxico. De forma contextualizada, cria-se a oportunidade de abordar, além dos mecanismos estruturais da língua, atitudes, comportamentos, representações e costumes que os estrangeiros têm dificuldade em compreender.

Galisson (1988) considera que, embora seja uma ferramenta subestimada, o dicionário pode ser o meio mais apropriado para descrever e penetrar na cultura compartilhada. O autor sugere que os dicionários incluam em sua microestrutura a definição da CCP, com explicação a respeito de sua origem cultural, assim como exemplos de uso. Para tanto, é preciso que ocorram mais pesquisas no âmbito da lexicultura, contribuindo para o debate sobre o assunto e viabilidade de concepção de obras lexicográficas mais preocupadas em tornar a CCP acessível aos estrangeiros. Os exemplos aqui registrados revelam que gêneros midiáticos, como a revista, podem ser fontes riquíssimas de ULCM, de onde é possível constituir *corpora* de pesquisa, a fim de descrever, catalogar e categorizar o léxico culturalmente marcado.

## Considerações finais

Uma vez que a língua atua como veículo, produtor e produto cultural (GALISSON, 1988), o léxico compreende muito mais do que um repertório de lexias, mas também receptáculo cultural de um povo. As definições de léxico dos autores estudados convergem para o entendimento de que o léxico é um sistema complexo que está em constante movimento de retração e ampliação. É também o cerne das línguas, pois é por meio das relações semânticas e sintáticas das UL que conseguimos nos expressar e nos comunicar.

Entendendo, portanto, que o léxico possui uma dimensão social e cultural que lhe é inerente, podemos destacar, em seu interior, um subconjunto de lexias com mais referências culturais do que as demais. Galisson (1987) designa esse subconjunto como lexicultura, tendo como denominador comum a CCP. Oriunda da cultura popular, a CCP é um valor adicional do signo linguístico que surge das relações sociais, das experiências de vida, do cotidiano, das tradições, das crenças e dos costumes.

Os exemplos apresentados demonstram que a CCP é culturalmente motivada e mais observável em determinados tipos de lexias. Isso porque a CCP não está necessariamente em todas as lexias que compõem o léxico e algumas apresentam a CCP mais forte, evidente e disponível do que outras. Ademais, elucidam como revistas semanais, como a *Veja*, podem servir como meio de acesso às ULCM, consistindo em materiais autênticos que podem auxiliar tanto na constituição de *corpora* de pesquisa que corroborem para os estudos lexicais e preparação de obras que contemplem a CCP, quanto na elaboração de materiais didáticos que favoreçam o ensino-aprendizagem da lexicultura, principalmente para estudantes de PLE.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 10-11, p. 31-41, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, v. 28, supl., p. 1-26, 1984.
- BORBA, F. S. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 81-96.
- CHRISOMALIS, S. Introduction. Lexiculture: In: CHRISOMALIS, S. *Lexiculture: Papers on English Words and Culture*. Wayne State University, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.wayne.edu/anthrofrp/4/>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- FLORES PEDROSO, S. *A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas
- GALISSON, R. La pragmatique lexiculturelle pour accéder autrement, à une autre culture, par un autre lexique. *Mélanges CRAPEL*, n. 25, 2000.
- GALISSON, R. Cultures et lexicultures. Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, Hommage à Bernard Pottier*, v. 7, p. 325-341, 1988.
- GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Études de Linguistique Appliquée*, v. 67, p. 109-151, 1987.
- HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2018.



LARA, L. F. *Curso de Lexicología*. México: El Colegio de México, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

POLGUÈRE, A. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

SEABRA, M. C. T. C. de. Língua, cultura, léxico. *In: SOBRAL, G. N. T.; LOPES, N. S.; RAMOS, J. M. Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.